

GESTÃO

RETOMADA EXIGE AÇÕES DE ACOLHIMENTO

Foto: Eder Chiodetto

1

»» Atenção ao equilíbrio emocional dos estudantes é fundamental

2

»» Profissionais da educação também necessitam de atenção

3

»» Políticas de acolhimento precisam se tornar permanentes

A retomada das aulas presenciais exige um olhar atento dos gestores para questões que vão muito além dos protocolos de segurança sanitária e das dificuldades de aprendizagem. Mais do que nunca, as escolas terão que se preocupar com o equilíbrio emocional e a saúde mental dos alunos, professores e demais profissionais da educação. “O reencontro é positivo, mas traz as dores de muitos lutos: pessoas que perderam familiares, entes queridos, colegas de trabalho. Pessoas que estão doentes. É uma coisa que entristece, amedronta, faz as pessoas não quererem sair de casa”, observou Iane Nobre, coordenadora de Gestão Pedagógica do Ensino Médio na Secretaria da Educação do Ceará, em [entrevista](#) ao site do Instituto Unibanco.

Para ajudar os educadores neste momento tão desafiador, ouvimos dicas de especialistas em psiquiatria, acolhimento e gestores. Em todo o país, as escolas estão na linha de frente do contato direto com crianças e adolescentes. Por isso mesmo, têm papel central na identificação de problemas dessa ordem.

DICAS PARA O ACOLHIMENTO SOCIOEMOCIONAL

Na volta às aulas



Ouvir professores

Além dos estudantes, é preciso ouvir professores e demais profissionais. Afinal, eles é que estarão na linha de frente em contato com os alunos.



Reunir grupos

Reúna os professores e demais profissionais em grupos. Todos devem ter a oportunidade de falar e de ser ouvidos com empatia.



Roteiro de perguntas

Um roteiro com perguntas pode ser útil para dar início à conversa. Exemplo: 'Como foi a sua experiência profissional e de vida desde o fechamento da escola? Quais as suas maiores dificuldades e preocupações?'



Envolver estudantes

O mesmo procedimento de escuta deverá ser realizado com os estudantes. Grêmios estudantis e representantes de turma podem auxiliar a escola nessa tarefa. Para isso, também deverão receber formação prévia.



Medir o impacto

Fique atento ao que for dito nas sessões de acolhimento: a escuta servirá também para que os gestores saibam como a comunidade escolar foi afetada pela pandemia.



Plano de ação

Em articulação com as áreas de saúde e assistência social, tenha um plano de ação para providenciar atendimento a professores e estudantes com sinais, entre outros, de quadro depressivo, violência doméstica ou vulnerabilidade socioeconômica.

Fontes: Secretarias da Educação de Mato Grosso do Sul, Espírito Santo e Ceará.

Um primeiro cuidado é com o equilíbrio emocional dos próprios gestores, professores e demais profissionais do contexto escolar. Ou seja, com os adultos que posteriormente terão a tarefa de acolher os alunos. Quem afirma é o psiquiatra da infância e da adolescência Gustavo Estanislau, coautor do livro *Saúde mental nas escolas: o que os educadores devem saber*. “Este é um período de tensão muito grande para todas as pessoas. Temos que lembrar o quanto tem sido angustiante também para os educadores”, diz Estanislau.

Ele alerta para o risco de que um professor abalado pelos efeitos da pandemia talvez apresente dificuldades ao ponderar sobre o estado emocional de um estudante. Um professor profundamente entristecido, por exemplo, tenderia a maximizar expressões de tristeza à sua volta, mesmo quando esse não fosse o caso. “Para a gente conseguir observar a saúde mental do aluno, em primeiro lugar tem que se cuidar da saúde mental do educador”, diz o psiquiatra. “Então, quando um professor traz uma informação de um aluno, é importante que o gestor leve em consideração o estado emocional do professor para fazer aquela leitura.”

Estanislau integra o Instituto Ame Sua Mente, uma organização não governamental que atua na área de saúde mental em escolas. Depois de tanto tempo sem aulas presenciais, ele considera natural que haja um período de ambientação, isto é, que crianças e adolescentes fiquem mais agitados e ansiosos no retorno. “Tenho percebido que algumas crianças estão voltando de uma forma mais assustada, com pesadelos, com dificuldade de se alimentar. É um período transitório, de readaptação”, diz o psiquiatra.

SER ACOLHIDO PARA ACOLHER

A preocupação com os profissionais faz parte do protocolo *Acolhimento: ações híbridas e contínuas*, lançado pelo Instituto Unibanco no ano passado.

“Este é um período de tensão muito grande para todas as pessoas. Temos que lembrar o quanto tem sido angustiante também para os educadores”

Gustavo Estanislau, psiquiatra da infância e da adolescência

Agora em 2021, três redes estaduais (Ceará, Goiás e Piauí) incorporaram o material em guias de possibilidades de ensino híbrido disponibilizados para as escolas.

A premissa é que cabe à Secretaria de Educação acolher primeiramente os gestores. Só depois a escola deve fazer o mesmo com seus profissionais. Por fim, será a vez dos alunos e das suas famílias. “Você não acolhe se não for acolhido”, resume a coordenadora de Soluções com Tecnologia do Instituto Unibanco, Jane Reolo, uma das autoras do protocolo.

A recomendação é que cada escola tenha uma comissão de acolhimento em caráter permanente, com representantes de cada segmento. Afinal, a pandemia e o isolamento social tendem a afetar todos os atores da escola: o estudante e sua família, o diretor, o coordenador pedagógico, o professor, os profissionais da alimentação e da limpeza etc.

Jane chama a atenção, no entanto, para o fato de que os efeitos da pandemia vêm em ondas, impactando ora uns, ora outros – e com intensidades diferentes. Dada essa variabilidade, ela defende que a composição da comissão seja bastante flexível, com a possibilidade também de que pessoas entrem e saiam da equipe, conforme seu estado emocional.

O acolhimento deve dar ênfase à escuta dos alunos e dos profissionais. Em grupo ou individualmente. O protocolo contém orientações bem específicas para o êxito desse tipo de atividade chamada de “escuta ativa-empática”. Uma delas é não interromper quem está falando nem pensar na resposta antes que o interlocutor termine o que estava dizendo. Não é recomendável tampouco supor que se sabe o que o outro sente - nem minimizar o sentimento alheio ou criticar as escolhas, atitudes e sentimentos relatados. Outra dica é nunca dizer o que o outro deve fazer e evitar falar sobre si próprio.

NAS REDES

Na rede estadual do Ceará, a preocupação com a saúde mental dos profissionais e dos estudantes têm sido uma constante da Secretaria de Educação desde o início da pandemia e uma série de ações foram iniciadas ainda durante o período de ensino remoto. Diretores e coordenadores pedagógicos contam com momentos de escuta coletiva promovidos periodicamente pelos psicólogos lotados nas regionais de ensino (cada regional conta com um ou dois psicólogos). E em casos mais extremos, também realizam atendimento individualizado tanto dos educadores como de estudantes.

Na retomada agora das aulas presenciais em modelo híbrido nesse segundo semestre, a Secretaria vem implementando iniciativas com o objetivo de envolver os estudantes nesse acolhimento. A Coordenadoria de Protagonismo Estudantil preparou uma [cartilha](#) que traz um conjunto de sugestões de ações direcionadas à equipe gestora e ao grêmio estudantil que visam promover a reflexão e o acolhimento e estimular a interação entre os alunos. As atividades podem ser realizadas presencial ou remotamente.

Além disso, também está sendo incentivada a criação de grupos cooperativos de estudantes dentro das escolas. Por meio da metodologia da aprendizagem cooperativa, eles vão criar células administradas por eles mesmos para pro-

mover o engajamento dos alunos que podem desenvolver uma série de ações, entre elas, a escuta ativa dos demais estudantes das questões socioemocionais.

“Estamos investindo fortemente nessa proposta porque é o estudante com o estudante fazendo esse elo, e esse elo é muito mais forte”, afirma a Orientadora da Célula de Projetos Educacionais, Articulação e Mobilização Estudantil da Seduc-CE, Iraciara Ribeiro. “Eles [os estudantes] conseguem ‘chegar’ de uma forma que muitas vezes os professores, o diretor muitas vezes não conseguem, por questões de proximidade, de linguagem e até mesmo de identificação. O processo também fica mais democrático e participativo e tem um alcance maior com os próprios estudantes participando”, pensa Rogério Bié, técnico da Coordenadoria de Protagonismo Estudantil.

No Piauí, as escolas também estão retomando em esquema híbrido agora no segundo semestre e buscaram diferentes formas de acolher os estudantes depois de tanto tempo afastados das salas de aula.

No Centro Estadual de Tempo Integral (CETI) Solange Sinimbu Viana Area Leão, em Teresina (PI), o projeto de acolhimento, batizado de “Começar de novo”, surgiu como um desdobramento de uma ação macro da escola, focada na saúde mental de estudantes e da equipe. “Todos os professores passaram por uma oficina para poderem trabalhar em sala de aula com o aluno. Toda a comunidade escolar foi atendida neste primeiro momento em que o aluno, assim como o professor e o funcionário, fizeram uma reflexão sobre como eles estão vendo esse momento de pandemia”, explicou a gestora, Ariadna Gonçalves Cavalcante. O projeto foi dividido em três momentos: “Como eu vejo”, quando discorreram sobre a realidade atual, as consequências dela sobre suas vidas, “Enquanto a tempestade não passa”, quando compartilharam sugestões para amenizar as inquietações decorrentes da pandemia e, por fim, “Esperando na janela”, quando falaram sobre suas perspectivas futuras.

A atenção ao aspecto socioemocional na escola já era uma demanda anterior à crise de Covid-19. Porém, com a pandemia, a necessidade de pensar no acolhimento dos estudantes e profissionais da educação ficou ainda mais evidente, dadas as implicações desse período sob o bem-estar de cada um e, consequentemente, sob o processo de ensino-aprendizagem. É uma política, portanto, que precisa estar incluída permanentemente na rotina pedagógica da escola, como mais um de seus componentes curriculares.



PARA SABER MAIS

- **Acolhimento estudantil | 2021.2** (cartilha), Seduc-CE (2º semestre/2021): bit.ly/AcolhimentoSeducCE
- **Coleção Efeitos psicológicos e acolhimento a distância**, Observatório de Educação | Instituto Unibanco (2020): bit.ly/EfeitosPandemiaObservU
- **Protocolo de Acolhimento: ações híbridas e contínuas**, Instituto Unibanco (2020): bit.ly/3lij4Df

Aprendizagem em Foco é uma publicação quinzenal produzida pelo Instituto Unibanco. Tem como objetivo adensar as discussões sobre o contexto educacional brasileiro, a partir de pesquisas, estudos e experiências nacionais e internacionais.

Para fazer algum comentário, envie um e-mail para: instituto.unibanco@institutounibanco.org.br

Para ler as edições anteriores, acesse: bit.ly/aprendizagem-foco

Produção editorial: Redação Demetrio Weber; Edição Antônio Gois e Fabiana Hiromi;
Projeto gráfico e diagramação Estúdio Kanno; Edição de arte Fernanda Aoki

